

BREVES CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA FENOMENOLOGIA E DO METODO FENOMENOLOGICO¹

Guilherme Saramago de Oliveira²
Ana Maria de Oliveira Cunha³

A fenomenologia, além de ser concebida na sua origem como um movimento filosófico, é também compreendida como método de investigação, devendo-se ter o cuidado para que essas premissas não sejam consideradas de maneira isolada. Ou melhor, não se deve considerar a pesquisa fenomenológica como um método especulativo, abstrato, monolítico, de caráter individual e utilitarista, mas sim como uma atitude existencial e filosófica, voltada para o mundo experiencial no qual a vivência humana é tida com algo constituído e constituinte daquilo que se denomina mundo ou espaço, onde se projeta e se constrói a realidade. Essa postura dá o embasamento para adentrar no mundo das experiências, do irrefletido, que pode ser revelado mediante a identificação do significado dos fenômenos para os atores sociais (PAULA; ANDRADE, 2011, p. 158).

Resumo:

O presente texto tem como objetivos, definir e caracterizar alguns aspectos fundamentais da fenomenologia como uma metodologia de pesquisa qualitativa na área de Educação. Inicialmente, são apresentados alguns conceitos e definições básicas sobre a fenomenologia para, posteriormente, tratá-la como alternativa metodológica de investigação.

Palavras-chave:

Fenomenologia e Educação. Pesquisa Qualitativa. Metodologia de Pesquisa.

Abstract:

This text aims to define and characterize some fundamental aspects of phenomenology as a qualitative research methodology in the area of Education. Initially, some basic concepts and definitions about phenomenology are presented to, later, treat it as a methodological research alternative

Key words:

Phenomenology and Education. Qualitative research. Research Methodology.

1. Fenomenologia: conceitos e definições

¹ Revisto, reorganizado, atualizado, ampliado. Publicado na Cadernos da FUCAMP, v.7, n.7, p. 13-23, 2008.

² Doutor. Professor da Universidade Federal de Uberlândia.

³ Doutora. Professora da Universidade Federal de Uberlândia.

Conforme os estudos realizados por Dartigues (1992), o vocábulo fenomenologia, com o sentido de teoria da ilusão sob a suas mais diferentes formas, foi usado pela primeira vez na obra *Novo órganon* (1764), de autoria de Johann Heinrich Lambert (1728-1777).

Para o autor, o termo fenomenologia é retomado em 1770 por Emanuel Kant (1724-1804), utilizando *phaenomenologia generalis*, para indicar a disciplina propedêutica que deveria preceder à metafísica. Em 1772, Kant utiliza a palavra fenomenologia na denominada *Carta a Marcos*, esboço da obra intitulada de *Critica da Razão Pura* (1781). Em 1807, Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) chama de *fenomenologia do espírito*, a ciência que considera a sucessão de diferentes formas ou fenômenos da consciência até chegar ao saber absoluto. Com Hegel, a partir do estudo do movimento do espírito, a fenomenologia define-se enquanto método e filosofia.

Para Hegel, a fenomenologia do espírito representa a introdução ao sistema total da ciência: apresenta o devir do saber ou da ciência em geral. No sentido hegeliano, a fenomenologia, de acordo com Merleau-Ponty (1973),

[...] consiste, em suma, numa lógica do conteúdo: a organização lógica dos fatos não provém de uma forma que lhes seria superposta, mas é o conteúdo mesmo desses fatos que é suposto ordenar-se espontaneamente de maneira a tornar-se pensável. Uma fenomenologia é a vontade dupla de coligir todas as experiências concretas do homem e não somente suas experiências de conhecimento, como ainda suas experiências de vida de civilização, tais como se apresentam na história, e de encontrar, ao mesmo tempo, neste decorrer dos fatos, uma ordem espontânea, um sentido, uma verdade intrínseca, uma orientação tal que o desenvolver-se dos acontecimentos não apareça como simples sucessão [...] (MERLEAU-PONTY, 1973, p. 25-26).

No início do século XX, com Edmund Husserl (1859-1938), a fenomenologia se consolida como uma linha de pensamento. A partir de Husserl, a expressão fenomenologia passou a ter um significado totalmente novo, e é com esse novo significado, que na época contemporânea esse vocábulo é predominantemente empregado. Husserl, conforme Martins *et al.* (1990, p. 38), definiu a fenomenologia como “[...] ciência descritiva das essências da consciência e de seus atos”.

Para Dartigues (1992), Husserl define a fenomenologia como *ciência dos fenômenos*, sendo o fenômeno compreendido como aquilo que é imediatamente dado em si mesmo à consciência do homem. Para Husserl, a fenomenologia assume,

principalmente, o papel de um método ou modo de ver a essência do mundo e de tudo quanto nele existe.

Dartigues (1992), esclarece que:

[...] enquanto a fenomenologia do tipo kantiano concebe o ser como o que limita a pretensão do fenômeno ao mesmo tempo em que ele próprio permanece fora do alcance, enquanto inversamente, na fenomenologia hegeliana, o fenômeno é reabsorvido num conhecimento sistemático do ser, a fenomenologia husserliana se propõe como fazendo ela própria, as vezes, de ontologia pois, segundo Husserl, o sentido do ser e o do fenômeno não podem ser dissociados (DARTIGUES,1992, p. 3).

Para Edmund Husserl, conforme Dartigues (1992), a fenomenologia é uma ciência rigorosa, mas não exata, uma ciência eidética (que busca a compreensão da essência) que procede por descrição e não por dedução. A fenomenologia se ocupa da análise e interpretação dos fenômenos, mas com uma atitude totalmente diferente das ciências empíricas e exatas. Os fenômenos são os vividos pela consciência, os atos e os correlatos dessa consciência.

A fenomenologia, de acordo com as ideias expressas por Dartigues (1992), é uma descrição daquilo que se mostra por si mesmo, de acordo com o princípio dos princípios:

[...] reconhecer que toda intuição primordial é uma fonte legítima de conhecimento; que tudo o que se apresenta por si mesmo na intuição deve ser aceito simplesmente como o que se oferece e tal como se oferece, ainda que somente dentro dos limites nos quais se apresenta (DARTIGUES, 1992, p. 14).

Etimologicamente, fenomenologia, segundo Bueno (2003, p. 13), é uma palavra de origem grega, que, é formada pelo “[...] verbo *phaíno*, que significa brilhar, fazer-se visível, aparecer, mostrar-se”, e pelo [...] substantivo *lógos*, que significa o que é dito, discurso, argumento, pensamento, explicação, razão”.

Assim, a partir do significado do verbo *phaíno* e do substantivo *lógos*, Bueno (2003, p. 13) define fenomenologia “[...] como sendo o discurso esclarecedor daquilo que se mostra por si mesmo”.

A etimologia da palavra fenomenologia, segundo Bicudo e Paulo (2011),

[...] revela que ela é composta por fenômeno +logos. Fenômeno diz do que se mostra na intuição ou percepção e logos diz do articulado nos atos da consciência em cujo processo organizador a linguagem está presente, tanto como estrutura, quanto como possibilidade de

comunicação e, em consequência, de retenção em produtos culturais postos à disposição no mundo-vida (BICUDO; PAULO, 2011, p. 29-30).

A fenomenologia, de acordo com Bello (2006, p.17-18), é um vocábulo formado por dois outros de origem grega: “Fenômeno” e “Logia”. Fenômeno significa “[...] aquilo que se mostra; não somente aquilo que se aparece ou parece”; e Logia é derivada de “[...] logos, que para os gregos tinha muitos significados: palavra, pensamento”.

Bello (2006) considerando o significado das palavras de origem grega, “fenômeno” e “logia”, define, então, fenomenologia como:

[...] uma reflexão sobre um fenômeno ou sobre aquilo que se mostra. O nosso problema é: o que se mostra e como se mostra. Quando dizemos que alguma coisa se mostra, dizemos que ela se mostra a nós, ao ser humano, à pessoa humana. Isso tem grande importância. Em toda a história da filosofia sempre se deu muita importância ao ser humano, àquele a quem o fenômeno se mostra. As coisas se mostram a nós. Nós e que buscamos o significado, o sentido daquilo que se mostra (BELLO, 2006, p. 18).

A fenomenologia se ocupa, portanto, de acordo com as ideias de Bello(2006), da reflexão, análise e interpretação dos fenômenos vividos pela consciência humana, mas com uma atitude totalmente própria, essencialmente diferente das ciências empíricas e exatas.

O fenômeno é considerado, na perspectiva fenomenológica, segundo Martins *et al.* (1990), como

[...] aquilo que surge para uma consciência, o que se manifesta para essa consciência, como resultado de uma interrogação. Do grego phainomenon, significa discurso esclarecedor a respeito daquilo que se mostra para o sujeito interrogado. Do verbo phainestai como mostrar-se, desvelar-se. Fenômeno é, então, tudo o que se mostra, se manifesta, se desvela ao sujeito que interroga (MARTINS *et al.*, 1990, p. 36).

2. O objeto da investigação fenomenológica

O fenômeno (“a coisa que se mostra por si mesma”), conforme Asti Vera (1983), é o objeto da investigação fenomenológica e a intuição o instrumento para buscar o conhecimento. A intuição equivale à visão intelectual do objeto de conhecimento, do dado analisado, que é o fenômeno, ou seja, aquilo que se apresenta ao ser humano que o questiona.

A intuição só é possível devido à intencionalidade da consciência. Toda consciência é consciência de algo que existe no mundo do sujeito.

[...] de fato, o discurso filosófico deve sempre permanecer em contato com a intuição se não quiser se dissolver em especulações vazias. Esse retorno incessante à intuição originária, “fonte de direito para o conhecimento”, Husserl o chama de o *princípio dos princípios*. “Significações que não fossem vivificadas senão por intuições longínquas e imprecisas, inautênticas, se é que isso acontece através de intuições quaisquer, não poderiam nos satisfazer. *Nós queremos voltar às coisas mesmas*” (DARTIGUES, 1992, p. 14).

A intenção, para Triviños (2002),

[...] é a tendência para algo que, no caso de Husserl (...) é a característica que apresenta a consciência de estar orientada para um objeto. Isso é, não é possível nenhum tipo de conhecimento se o entendimento não se sente atraído por algo, concretamente um objeto. Para Husserl, a intencionalidade é algo puramente descritivo, uma peculiaridade íntima de algumas vivências. Dessa maneira a intencionalidade característica da vivência determinava que a vivência era consciência de algo (TRIVIÑOS, 2002, p. 45).

A intencionalidade da consciência do ser humano, segundo Dartigues (1992, p. 18), “[...] é um dos princípios básicos da fenomenologia. A consciência é sempre “consciência de alguma coisa”, estando direcionada para um determinado objeto em análise. Por sua vez, o objeto também é sempre “objeto-para-um-sujeito” [...]”.

Para Moreira (2002, p. 85), “[...] a consciência não é coisa, mas aquilo que dá sentido às coisas. O sentido não se constata à maneira de uma coisa, mas se interpreta. É a consciência intencional que faz o mundo aparecer como fenômeno, como significação [...]”.

Por meio da noção de intencionalidade, considerada a característica básica da fenomenologia, segundo Bueno (2003, p. 30), é buscada a superação das tendências empiristas e racionalistas. Pretende-se, portanto, eliminar no processo de elaboração do conhecimento, a dicotomia experiência-razão. “[...] toda consciência é intencional, o que significa que não há pura consciência, separada do mundo, mas que toda consciência tende para o mundo, toda consciência é consciência de alguma coisa”.

Do ponto de vista epistemológico, a fenomenologia é contrária às idéias que isolam o sujeito ou o objeto para o desenvolvimento de estudos, concebendo-os como correlacionados. Há, portanto, na fenomenologia, o entendimento que numa relação entre sujeito e objeto, um não pode existir sem o outro. Para Martins e Bicudo (2006,

p. 16) “Sujeito e objeto não são separados, mas já estão ontologicamente unidos, uma vez que o ser é sempre ser-no- mundo”.

Conforme Aranha e Martins (2003), a fenomenologia opõe-se aos postulados empiristas e parte do pressuposto de que não há objeto em si, mas o objeto existe para um indivíduo, indivíduo esse que atribui diferentes significados ao objeto. Ao contrário das idéias racionalistas, a fenomenologia considera que não há consciência pura, totalmente isolada do mundo, mas toda consciência é consciência de alguma coisa existente no mundo.

A consciência e objeto não são entidades isoladas, separadas na natureza, mas, configuram-se, respectivamente, a partir de sua correlação. Segundo Dartigues (1992, p. 18), “Se a consciência é sempre consciência de alguma coisa e se o objeto é sempre objeto para a consciência, é inconcebível não admitir essa correlação, já que, fora dela, não haveria nem consciência nem objeto”.

Conforme Triviños (2002, p. 42), Husserl, buscando obter êxito em sua intenção de transformar a filosofia em uma ciência rigorosa discutiu a “redução fenomenológica”. Pela redução “[...] chega-se a um nível dos fenômenos que se denomina das essências” ou eidos (idéias). “Dessa maneira a fenomenologia apresenta-se como um ‘método’ e como um ‘modo de ver’ o dado”.

A palavra método, de acordo com Martins *et al.* (1990),

[...] tem sido cautelosamente evitada por alguns fenomenologistas para que não seja associada ao sentido cartesiano de método característico de método das ciências naturais. Prefere-se assim, o uso da palavra TRAJETÓRIA que melhor expressa o caminho em busca da essência do fenômeno (MARTINS *et al.*,1990, p. 39).

3. A fenomenologia como um método de pesquisa

Conforme o pensamento expresso por Masini (1989, p. 62), não existe “o” ou “um” método fenomenológico, mas, sim, uma atitude do ser humano diante de cada fenômeno a ser analisado e compreendido. Atitude essa entendida como a “[...] abertura do ser humano para compreender o que se mostra (abertura no sentido de estar livre para perceber o que se mostra e não preso a conceitos ou predefinições)”.

Gil (1995, p. 33) entende que a utilização do método fenomenológico “implica uma mudança radical de atitude em relação à investigação científica. Por essa razão é

Breves considerações a respeito da fenomenologia

que embora muito comentado, o método fenomenológico não vem sendo muito empregado na pesquisa social”.

A fenomenologia, como um método de pesquisa, de acordo com Martins e Bicudo (2006):

[...] é uma forma radical de pensar. Assim sendo, por sempre estar contextualizada, ela parte, necessariamente, de caminhos conhecidos de efetuarem-se as práticas sociais e de realizarem-se as ações, desafiando pressupostos aceitos e buscando estabelecer uma nova perspectiva para compreender o fenômeno (MARTINS; BICUDO, 2006, p. 18).

Para que a fenomenologia seja efetivamente colocada em prática é necessário que o pesquisador diante do fenômeno investigado assuma uma atitude de colocar entre parênteses ou em suspensão todo o seu conhecimento sobre o mundo natural. Aquilo que o pesquisador conhece em relação à realidade do mundo natural e todas as ideias que desse conhecimento possam ter origem devem ser colocadas entre parênteses por meio da chamada *epoché* fenomenológica.

Para Martins (1992), a *epoché* fenomenológica significa suspender, diante do fenômeno, as crenças referentes ao mundo natural. Significa que o pesquisador deve deixar de olhar o fenômeno de uma forma comum, abandonando os preconceitos e pressupostos em relação aquilo que está questionando.

A *epoché*, afirma Martins e Bicudo (2006, p. 21), “significa *dar um passo atrás* e colocar em suspensão as formas familiares e comuns de olhar as coisas que impedem que sejam vistas diretamente, em seus modos de aparecer”.

O trabalho do fenomenólogo, depois de colocar o fenômeno entre parênteses, conforme Martins (1992, p. 56), “[...] consistirá em descrevê-lo tão precisamente quanto possível, procurando abstrair-se de qualquer hipótese, pressuposto, ou teorias. Busca-se exclusivamente aquilo que se mostra, analisando o fenômeno na sua estrutura e nas conexões intrínsecas”.

Na fenomenologia são reconsiderados todos os conteúdos da consciência humana. Ao invés de verificar se tais conteúdos são reais ou irrealis, procede-se ao seu exame, como puramente dados. Mediante a *epoché*, é possível à consciência fenomenológica ater-se ao dado analisado, enquanto tal, e descrevê-lo tal como de fato ele é.

O dado na fenomenologia husserliana, é consciência intencional do indivíduo perante o objeto que está sendo questionado, interrogado. Segundo Triviños (2002, p. 44), para Husserl “[...] o dado não é o empírico e tampouco um material que se organiza através de categorias estabelecidas em forma apriorística e intuitivamente. Para Husserl não existe conteúdos da consciência, mas exclusivamente fenômenos”.

Na abordagem fenomenológica, o pesquisador na busca de desvelar o fenômeno e compreendê-lo, conforme Martins (1992), não parte de um referencial teórico a priori definido. É por meio de suas experiências, do seu mundo-vida, que é possível ao investigador interrogar o mundo que o circunda em busca do entendimento do fenômeno. Para Bicudo (1999, p. 29) “[...] o mundo-vida é o campo universal das experiências vividas; é o horizonte onde sempre se está consciente dos objetos e dos outros companheiros”.

Conforme Martins *et al.* (1990, p. 39), na pesquisa fenomenológica, “[...] o pesquisador não tem um problema para pesquisar. Ele tem suas dúvidas sobre alguma coisa e quando há dúvidas, ele interroga. Quando pergunta tem uma resposta. Quando interroga terá uma trajetória [...]”.

Na fenomenologia, portanto, o pesquisador não parte de um problema determinado com hipóteses pré-estabelecidas, mas conduz sua pesquisa a partir de um questionamento, de uma indagação acerca de um fenômeno, o qual precisa ser situado, ou seja, estar sendo vivenciado pelo sujeito pesquisado.

A pesquisa fenomenológica, para Masini (1989),

[...] parte da compreensão de nosso viver - não de definições ou conceitos - da compreensão que orienta a atenção daquilo que se vai investigar. Ao percebermos novas características do fenômeno, ou ao encontrarmos no outro interpretações, ou compreensões diferentes, surge para nós uma nova interpretação que levará a outra compreensão (MASINI, 1989, p. 63).

O ponto de partida da investigação fenomenológica é assim, a compreensão do viver do ser humano. O método fenomenológico é, dessa forma, centrado no homem, especificamente na análise do significado e relevância da experiência humana.

Martins e Bicudo (2006) afirmam que a fenomenologia,

[...] procura focar o *fenômeno*, entendido como o que se manifesta em seus modos de aparecer, olhando-o em sua totalidade, de maneira direta, sem a intervenção de conceitos prévios que o definam e sem basear-se em um quadro teórico prévio que enquadre as explicações sobre o visto (MARTINS; BICUDO, 2006, p. 16).

Na fenomenologia busca-se o entendimento do fenômeno em si mesmo. Não há por parte do pesquisador a preocupação em oferecer explicações para além do objeto em análise, nem tampouco realizar generalizações a partir do entendimento que dele é alcançado.

A fenomenologia, afirma Aranha e Martins (2003):

[...] visa a descrição da realidade e coloca como ponto de partida de sua reflexão o próprio ser humano, no esforço de encontrar o que é dado na experiência, descrevendo “o que se passa” efetivamente do ponto de vista daquele que vive determinada situação concreta (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 150).

Na perspectiva da fenomenologia, o homem imprime sentidos ao mundo em que vive, ao ser capaz de intuir, tendo intencionalidades, estabelecendo significações sobre tudo aquilo que vai vivenciando em sua existência. Ao estabelecer essas significações para os fenômenos que analisa e interpreta, o homem passa a ser parte constituinte deles.

Para Masini (1989):

[...] o método fenomenológico trata de desentranhar o fenômeno, pô-lo a descoberto. Desvendar o fenômeno além da aparência. Exatamente porque os fenômenos não estão evidentes de imediato e com regularidade faz-se necessário a Fenomenologia. O método fenomenológico não se limita a uma descrição passiva. É simultaneamente tarefa de interpretação (tarefa da hermenêutica) que consiste em pôr a descoberto os sentidos menos aparentes, os que o fenômeno tem de mais fundamental (MASINI, 1989, p. 63).

Essa forma de se pensar e conduzir a pesquisa fenomenológica apresenta em si a questão da subjetividade. Contudo, tanto o sujeito como o fenômeno estudado estão no mundo-vida com outros sujeitos, que também percebem e vivenciam os fenômenos.

A percepção na perspectiva fenomenológica, segundo Merleau-Ponty (2006),

[...] não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não “habita” apenas o “homem interior”, ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, e é no mundo que ele se conhece (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 6).

Assim, os sujeitos que participam de experiências vividas em comum, compartilham sentimentos, emoções, entendimentos, interpretações, comunicações, estabelecendo-se assim, a esfera da intersubjetividade.

Um dos caminhos propostos para a intersubjetividade, conforme Triviños (2002),

[...] tem sido considerar que, quando falamos de um sujeito, não estamos pensando num sujeito como ente empírico, mas como sujeito puro, transcendente, um sujeito geral. Outra via de intersubjetividade está representada no reconhecimento explícito de que não existem diferenças substanciais entre o subjetivo e o objetivo, que ambas são expressões de uma mesma realidade (TRIVIÑOS, 2002, p. 46).

Para a fenomenologia, nada é objetivo, antes de ter sido subjetivo, ou seja, é a subjetividade que permite alcançar graus de objetividade. Conforme Martins (1992),

[...] a ideia de consciência subjetiva pode ser ilustrada através da percepção. Uma percepção consciente abrange a consciência dos entes que estão no mundo, ou seja, do que é visto, ouvido ou sentido por um sujeito, assim como a consciência que se tem de estar ouvindo ou sentindo. Pode se distinguir na percepção consciente como seu aspecto tanto um estado de alerta para o mundo como um estado de alerta para a iluminação ou esclarecimento do mundo (MARTINS, 1992, p. 64).

A pesquisa fenomenológica, de acordo com Martins (1992), objetiva os significados que os sujeitos atribuem à sua experiência vivida, significados esses que se revelam a partir das descrições realizadas por esses mesmos sujeitos. A descrição da experiência por quem vivencia um fenômeno é o caminho para a compreensão dele, e a linguagem é uma das formas que se abre para essa compreensão.

Para compreender o fenômeno vivido é necessário recorrer ao discurso, à descrição mais ampla do sujeito com o intuito de conseguir uma maior aproximação com a densidade semântica do fenômeno. Apenas um vocábulo, uma expressão, um conceito, uma definição não poderá expressar tudo o que há a ser falado em relação ao que se pretende investigar.

O método fenomenológico é essencialmente descritivo e interpretativo. Ele tem como finalidade a descrição e a interpretação do fenômeno em si, tal como ele se apresenta, sem reduzi-lo a algo que não faça de fato parte dele.

4. Detalhando a pesquisa qualitativa com fundamento na fenomenologia e concluindo

A pesquisa qualitativa fundamentada teoricamente na fenomenologia, conforme Triviños (2002),

[...] é essencialmente *descritiva*. E como as descrições dos fenômenos estão impregnadas dos significados que o ambiente lhes outorga, e como aquelas são produtos de uma visão subjetiva, rejeita toda expressão quantitativa, numérica, toda medida. Desta maneira, a interpretação dos resultados surge como uma totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto. Por isso não é vazia, mas coerente, lógica, consistente (TRIVIÑOS, 2002, p. 128).

Assim, na pesquisa fenomenológica é fundamental as descrições dos fenômenos, as descrições apresentadas pelos sujeitos, pessoas ou indivíduos. Para estudar as descrições dos sujeitos pesquisados, não existe um procedimento único, pronto, preestabelecido a ser rigorosamente seguido pelo investigador.

Na verdade, existem trajetórias que podem revelar caminhos adequados na busca da compreensão do fenômeno pesquisado. Martins (1992), por exemplo, apresenta e descreve três momentos da trajetória fenomenológica: *a descrição, a redução e a compreensão*.

Martins e Bicudo (2005, p. 45), afirmam que a *descrição* “[...] tem o significado de des ex-crivere, isto é, de algo que é escrito para fora”. Nesse sentido Martins *et al.* (1990, p. 43) afirmam que “[...] através das descrições o fenômeno surge. A descrição é um relato de alguém que sabe alguma coisa para alguém que não sabe; não se trata de uma redação ou de um relatório”. É pelas descrições “[...] que o fenômeno situado se ilumina e se desvela para o pesquisador”.

A respeito da *descrição* fenomenológica, Depraz (2008) assevera:

Descrever é dizer aquilo que “vemos”, tentando ser o mais completo possível, ou seja, não negligenciar qualquer uma das facetas da coisa, do evento, da situação que constitui o Objeto da descrição; é também, dessa forma, se esforçar em não preencher o propósito com traços generaliza dores inventados, que não fazem parte da experiência efetiva do Sujeito, os quais sabemos que “muito frequentemente” se dão nesse “tipo” de experiência. Descrever supõe, pois que nos referimos a experiência singular, individuado no tempo e no espaço, e que nos atemos a ela, mesmo tendo que provar da pobreza de nossa descrição (DEPRAZ, 2008, p. 30).

A *descrição* de algum objeto implica diferenciá-lo de outro, elencando suas características e especificidades. Para que isso aconteça adequadamente, o momento da descrição não pode ser compreendido como um procedimento mecânico de tomada de opinião, mas como um encontro social, uma relação efetiva entre o pesquisador e o pesquisado, caracterizada principalmente pela empatia, intuição e imaginação.

A *descrição*, no entendimento de Martins e Bicudo (2005),

[...] será tão melhor quanto mais facilitar o leitor ou ouvinte a reconhecer o objeto descrito. O seu mérito principal não é sempre a exatidão ou o relato de pormenores do objeto descrito, mas é a capacidade de criar, para o ouvinte (ou para o leitor), uma reprodução tão clara, quanto possível do mesmo (MARTINS; BICUDO, 2005, p. 46).

Obtidas as descrições dos colaboradores da investigação, o pesquisador deve então proceder à análise das mesmas. Segundo Martins *et al.* (1990) há quatro momentos importantes para análise das descrições:

Leitura da descrição do princípio ao fim sem buscar ainda qualquer interpretação ou identificar qualquer atributo ou elemento, a fim de chegar a um sentido geral do que está descrito; No momento em que um sentido foi obtido, o pesquisador volta ao início e lê novamente o texto, agora tentando apreender unidades de significado dentro de uma perspectiva (do psicólogo, do enfermeiro) e focalizando o fenômeno que está sendo pesquisado; Após obter unidades de significado, o pesquisador percorre todas as unidades identificadas e expressa o significado contido nelas, isto e particularmente verdadeiro para as unidades de significado que são mais reveladoras do fenômeno considerado; Finalmente, o pesquisador sintetiza todas as unidades para chegar a uma estrutura do fenômeno. Alguns pesquisadores usam também este agrupamento de significados a palavra categoria; entendida aqui enquanto tema (MARTINS *et al.*, 1990, p. 43-44).

A *descrição* fenomenológica, segundo Martins (1992), compõe-se de três elementos: a percepção; a consciência; o sujeito, pessoa ou indivíduo.

A percepção que assume uma primazia no processo reflexivo; a consciência que se dirige para o mundo-vida, isto é, consciência do *corps propre*, ou seja, do corpo vivido, consciência esta que é a descoberta da subjetividade e da intersubjetividade; o sujeito, pessoa ou indivíduo que se vê capaz de experimentar o corpo-vivido por meio da consciência que é a conexão entre o indivíduo, os outros e o mundo (*être-au-monde*) (MARTINS, 1992, p. 59).

O segundo momento da trajetória fenomenológica é a *redução*. O objetivo primeiro da redução fenomenológica, segundo Martins *et al.* (1984, p. 63) é, “[...] mostrar a necessidade de um elemento puro que possa servir de ponto de partida para um pensamento radical, um fundamento absoluto do conhecimento, graças a noção de intencionalidade”.

A *redução*, segundo Bicudo (1999, p. 22), é o procedimento que favorece que “[...] os atos da consciência exponham-se, ou seja, para que se tome ciência deles de modo que, pela reflexão, seu componente, sejam explicitadas as raízes cognitivas das próprias afirmações”.

Para Aguiar e Policarpo (2018, p. 80), a *redução* é o momento da trajetória fenomenológica em que se faz a “[...] crítica reflexiva dos conteúdos da descrição. Esta etapa compreende a manutenção da descrição na sua forma original, procurando analisar a experiência vivenciada sem a interferência de conceitos pessoais e/ou teóricos”.

De acordo com Martins (1992), a *redução* é o momento em que são selecionadas, por intermédio da variação imaginativa, as partes essenciais da descrição do sujeito pesquisado. O pesquisador imagina cada parte da descrição como estando presente ou ausente na experiência, até que a mesma seja reduzida ao essencial para a existência da consciência da experiência.

A respeito da *redução*, assevera Merleau-Ponty (2006):

O maior ensinamento da redução é a impossibilidade de uma redução completa. Eis por que Husserl sempre volta a se interrogar sobre a possibilidade da redução. Se fôssemos o espírito absoluto, a redução não seria problemática. Mas porque, ao contrário, nós estamos no mundo, já que mesmo nossas reflexões têm lugar no fluxo temporal que elas procuram captar [...] não existe pensamento que abarque todo o nosso pensamento (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 10).

A *compreensão*, último momento da trajetória fenomenológica, tem origem, conforme Martins (1992), simultaneamente à interpretação. É o momento em que o pesquisador pretende obter o significado que é essencial na descrição e na redução realizada. A *compreensão* fenomenológica,

[...] não se dá no vazio. Para que ela se manifeste é preciso que haja algo ou alguém que intencionalmente, esteja tentando se comunicar, seja verbalmente, por meio da escrita, ou na maneira própria de se mostrar pedindo um significado. A compreensão é, pois, a capacidade fundamental do homem, que lhe permite o acesso aos outros seres humanos como tal, e ao mundo que se lhe mostra (MARTINS, 1992, p. 78).

Na *compreensão* o pesquisador considera o resultado da redução efetivada como um conjunto de unidades de significado, que se mostram significativas para ele, apontando também para a experiência do sujeito que descreve o fenômeno, para a consciência que se tem do fenômeno investigado.

A *compreensão* é uma fase, segundo Martins (1992),

[...] consiste em refletir sobre as partes da experiência que nos parecem possuir significados cognitivos, afetivos e conotativos e, sistematicamente, imaginar cada parte como estando presente ou ausente na experiência. Através da comparação no contexto e eliminações, o pesquisador está capacitado a reduzir a descrição daquelas partes que são essenciais para a existência da consciência da experiência (MARTINS, 1992, p. 60).

As unidades de significado, de acordo com Martins (1992), identificadas na descrição por meio da redução, são inicialmente tomadas tal como foram propostas pelo sujeito que descreveu o fenômeno, sendo depois transformadas em expressões próprias do discurso que sustenta o que está sendo pretendido pelo pesquisador, como por exemplo, um discurso educacional, psicológico, social.

Posteriormente, o pesquisador organiza uma síntese das unidades de significado encontradas, sendo buscado, então, aquilo que se deseja, ou seja, as convergências, divergências ou idiosincrasias presentes nas descrições apresentadas.

Sobre as unidades de significado, esclarece Martins e Bicudo (2005):

[...] como é impossível analisar um texto inteiro simultaneamente, torna-se necessário dividi-lo em unidades. [...] as unidades de significado são discriminações espontaneamente percebidas nas descrições dos sujeitos quando o pesquisador assume uma atitude psicológica e a certeza de que o texto é um exemplo do fenômeno pesquisado. [...] As unidades de significado [...] também não estão prontas no texto. Existem somente em relação à atitude, disposição e perspectiva do pesquisador (MARTINS; BICUDO, 2005, p. 99).

Enfim, pode-se afirmar, com fundamento nas ideias desenvolvidas por Martins (1992), que a trajetória do estudo fenomenológico tem a finalidade de estabelecer um contato direto do pesquisador com o fenômeno vivido pelo sujeito pesquisado. E para compreender o fenômeno vivido pelo sujeito, é necessário recorrer ao seu discurso, à sua descrição mais ampla possível, com o intuito de conseguir uma maior aproximação com a densidade semântica do fenômeno em estudo. Apenas alguns vocábulos, expressões, conceitos e definições apresentadas não poderão expressar todo o conhecimento em relação ao que está sendo investigado.

Referências

AGUIAR, E. C.; POLICARPO, M. C. Fenomenologia da Percepção: uma abordagem para a investigação de experiência de consumo. **Consumer Behavior Review**, Universidade Federal de Pernambuco, v.2, n.2, p.72- 83, 2018

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo, SP: Moderna, 2003.

ASTI VERA, A. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Porto Alegre, RS: Globo, 1983.

BELLO, A. A. **Introdução à fenomenologia**. Bauru, SP: Edusc, 2006.

BICUDO, M. A. V. Filosofia da Educação Matemática: um enfoque fenomenológico. In: BICUDO, M. A. V. (Org.). **Pesquisa em Educação Matemática**: concepções e perspectivas. São Paulo, SP: UNESP, 1999. p. 21-43.

BICUDO, M. A. V.; PAULO, R. M. Um exercício filosófico sobre a pesquisa em educação matemática no Brasil. **Bolema**. Boletim de Educação Matemática (UNESP, Rio Claro, Impresso), v. 25, p. 251-298, 2011.

BUENO, E. R. A. Fenomenologia: a volta às coisas mesmas. In: PEIXOTO, A. J. (org.). **Interações entre Fenomenologia e Educação**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003. p. 09-42.

DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia?** Tradução de Maria José J.G. de Almeida. São Paulo, SP: Moraes, 1992.

PAULA, R. J.; ANDRADE, J. A. P. A fenomenologia de Schutz nos estudos organizacionais: o caso da estratégia empresarial. **REBRAE** - Revista Brasileira de Estratégia, Curitiba, PR, v. 4, n. 2, p. 155-168, maio/ago. 2011.

DEPRAZ, N. **Compreender Husserl**. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, SP: Atlas, 1995.

MARTINS, J. *et al.* **Temas fundamentais de fenomenologia**. São Paulo, SP: Moraes, 1984.

MARTINS, J. **Um enfoque fenomenológico do currículo**: Educação como poésis. São Paulo, SP: Cortez, 1992.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **Estudos sobre existencialismo, Fenomenologia e Educação**. São Paulo: Centauro, 2006.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Centauro, 2005.

MARTINS, J. *et al.* A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações. In: **Cadernos da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos**, v. 1, n. 1, São Paulo, SP: A Sociedade, 1990. p. 33-48.

MASINI, E. F. S. O enfoque fenomenológico de pesquisa em Educação. In: FAZENDA, I. **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo, SP: Cortez, 1989. p. 61-67.

MERLEAU-PONTY, M. **Ciências do homem e fenomenologia**. São Paulo, SP: Saraiva, 1973.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto de Ribeiro Moura. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo, SP: Pioneira Thomson, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.